

A LINGÜÍSTICA APLICADA E SUA BUSCA DE AUTONOMIA

JÂNIA RAMOS
UFMG

Identificar a Lingüística Aplicada (LA) como uma área de investigação é algo recorrente na literatura, fato esse confirmado pela existência de periódicos especializados. Do ponto de vista institucional, as pessoas que fazem LA se reconhecem como um grupo distinto daquele que faz lingüística teórica. A realização de Congressos de LA comprova isso.

Em estudos recentes, que lidam com questões epistemológicas nesta área no Brasil, pode-se observar uma preocupação com a autonomia teórico-metodológica, o que em si é algo natural dado o espaço institucional alcançado. O que há de bastante curioso é que a autonomia é definida negativamente em relação à lingüística teórica: quanto mais dissociada da lingüística, mais autônoma seria a LA. A busca de autonomia, através da negação dos pontos de contato com a teoria lingüística, torna a LA atípica quando comparada a outras áreas de conhecimento definidas como aplicadas.

Neste artigo pretendo inicialmente exemplificar como a correlação entre pesquisa básica e pesquisa aplicada é vista em outros ramos de conhecimento. Em seguida, apresento evidências de que a LA se comporta atipicamente, negando vínculos com a lingüística teórica. Por último mostro que a atipicidade decorre da adoção de noções restritas do que seja objeto de estudo, teoria lingüística e aplicação.

Serão tomados aqui como objeto de análise textos publicados nos "Trabalhos de Lingüística Aplicada". A escolha desse periódico se deve à sua representatividade no Brasil e sua longevidade (18 volumes).

PESQUISA BÁSICA, PESQUISA APLICADA E TÉCNICA

De acordo com Bunge (1980, 1985), a pesquisa básica (quer teórica ou experimental) e a pesquisa aplicada se diferenciam em relação a diversos aspectos. O primeiro é que a pesquisa aplicada teria como ponto de partida princípios e conceitos formulados pela pesquisa básica, no sentido de que utiliza conhecimentos alcançados nessa última. Isto não quer dizer que a investigação aplicada seja necessariamente limitada e, por isso, não produza novos conhecimentos. A tarefa do pesquisador aplicado consiste

em enriquecer e explorar um corpo de conhecimentos já produzidos pela investigação básica, tendo em vista problemas diferentes, aqueles de possível interesse social.

O segundo aspecto é que o objeto da pesquisa aplicada é mais restrito do que o da pesquisa básica. O terceiro aspecto é que a investigação aplicada tem sempre um objetivo prático, ainda que seja a longo prazo. Espera-se sempre que o pesquisador aplicado termine cada um de seus trabalhos afirmando, não tanto que "ele tenha descoberto X", mas sim que "ele descobriu que X pode servir para produzir (ou impedir) Y".

Tomando como exemplo a física e a física aplicada, conforme asinala Bunge (1980: 27-31) tem-se que os interessados em Física teórica estudam as interações entre luz e os elétrons, especialmente o efeito fotoelétrico, propondo-se a enriquecer o conhecimento humano sobre as interações entre luz e matéria. Os que fazem física aplicada estudam a atividade fotoelétrica de certas substâncias particularmente sensíveis, com a finalidade de compreender melhor como funcionam as células fotoelétricas, o que, por sua vez, poderá servir para a fabricação de dispositivos fotoelétricos mais eficientes. Esses utilizam, geralmente **sem questionar**, os resultados da pesquisa básica e buscam novos conhecimentos com vistas a suas possíveis aplicações práticas mesmo que eles próprios não venham a iniciar nenhuma técnica.

Desse modo, os conhecimentos obtidos na pesquisa básica são aplicados. É claro que na aplicação novos conhecimentos podem ser produzidos/adquiridos, só que mais específicos, uma vez que não se referem, na exemplificação acima, à interação entre luz e matéria, e sim, entre a luz de certas cores e a matéria de determinados tipos.

Há ainda um terceiro tipo de atividade: a pesquisa técnica. As pessoas que atuam nesta área propõem-se a controlar determinados setores da realidade, com a ajuda de todos os tipos de conhecimentos, especialmente científicos:

"enquanto para o cientista o conhecimento é uma meta última que não requer justificação, para o tecnólogo é uma finalidade intermediária, algo a obter, para ser usado como meio para alcançar uma meta prática."

"Devido a essa atitude pragmatista, o tecnólogo (...) nem sempre se interessa pela verdade das proposições com que lida. Ele se interessará pelas informações com que lida. Ele se interessará pelas informações (dados), hipóteses e teorias (...) na medida em que conduzam às metas desejadas"

(Bunge, 1987: 193.4)

Em resumo, o produto final da técnica é um artefato ou um plano de ação que permite resultados de valor prático para alguém; o produto final da ciência (básica ou aplicada) é o conhecimento.

Com base nestas categorias, pode-se perguntar: o que seria pesquisa básica, pesquisa aplicada e pesquisa técnica em lingüística?

O próprio nome Linguística Aplicada sugere que a pesquisa básica, em relação à qual se define, seria a Linguística teórica. O termo **aplicada** contraporía, por sua vez, a LA à pesquisa técnica.

Vejamos, a seguir, como a própria LA se define em relação a essas categorias.

LA SEGUNDO OS "LINGÜISTAS APLICADOS"

Cavalcanti (1986) descarta a concepção de LA como aplicação de teorias lingüísticas. Afirma que tal concepção seria hoje peculiar apenas a leigos, tendo sido antes mantida pelos lingüistas aplicados, inicialmente, como alternativa ao subjetivismo da gramática tradicional (em contraposição à objetividade dos estruturalistas), e, posteriormente, graças ao deslumbramento de alguns lingüistas pelo gerativismo. Lê-se:

"A LA é abrangente e multidisciplinar em sua preocupação com questões de uso da linguagem. (...) Dada sua abrangência e multiplicidade, é importante desfazer os equacionamentos da LA com a aplicação de teorias lingüísticas e com o ensino de línguas. (...) A pesquisa em LA é mais complexa do que um exercício de aplicação de teorias."

(Cavalcanti, 1986:9)

Como se pode ver, a concepção de LA como aplicação de teorias lingüísticas é rejeitada. Como explicar a discrepância entre os pares [LA/lingüística teórica] e [pesquisa aplicada/pesquisa teórica]?

Pelos menos três fontes potencialmente responsáveis pela discrepância podem ser apontadas: (a) o conceito de lingüística teórica; (b) a concepção de objeto de estudo; e (c) o conceito de aplicação.

Por lingüística teórica, entende-se teoria gramatical. Lê-se:

a LA busca parte de seus subsídios teóricos na Lingüística e parte em outras áreas de investigação, tais como a Psicologia, a Sociolingüística, a Antropologia, a Educação, a Filosofia e a Etnografia da Fala".

(Cavalcanti, 1986:5-6)

Como se vê, os conhecimentos englobados sob a denominação de sociolingüística, por exemplo, colocar-se-iam fora do escopo da lingüística. Essa concepção de lingüística é muito estrita (e estreita). Melhor seria entender lingüística em sentido amplo, tal como definida abaixo:

"A Lingüística é o ramo de conhecimento que estuda as línguas de uma ou de todas as sociedades humanas: como cada língua é construída, como varia no espaço e muda com o tempo, como se relaciona às demais, e como é usada por seus falantes."

(Moulton, 1974:5)

A adoção de uma definição mais ampla permitiria à LA contar com princípios, generalizações, enfim, diversos tipos de informações sobre a linguagem alcançados tanto nas áreas de fonologia, sintaxe semântica e pragmática como também nas interdisciplinas. O corpo de conhecimento resultante de diferentes pontos de vista certamente poderia ser aceito (e de fato tem sido) como subsídios teóricos pela LA.

Consideremos agora a item (b): o conceito de objeto de estudo. Tomemos inicialmente as razões apontadas por Cavalcanti para se desfazer o equacionamento da LA como aplicação de teorias. Lê-se:

*"É necessário salientar que o termo "Lingüística Aplicada a..." é inapropriado uma vez que a LA não aplica a Lingüística seja, por exemplo, (...) à interação médico paciente. (...). A denominação "LA: interação médico paciente"; "LA: ensino de línguas" é mais apropriada ao trabalho desenvolvido em LA, uma vez que chama a atenção sobre o **objeto de estudo**."*

(Cavalcanti, 1986: 9, grifo meu)

Nesta passagem, dois pontos merecem destaque.

O primeiro ponto é a explicitação de que a LA possuiria diferentes objetos de estudo, o que implica, a meu ver, o não-reconhecimento da LA como uma área de pesquisa específica, tal como os lingüistas aplicados acreditam.

O segundo ponto, intimamente ligado ao primeiro, é a proposta de uma rotulação mais completa. Quais seriam as razões desse apelo? Certamente seria explicitar a vasta multiplicidade e abrangência de interesses que os lingüistas aplicados têm demonstrado, mas não só isso. Outra razão seria o reconhecimento de que a LA busca princípios e metodologias em diferentes disciplinas (Antropologia, Psicologia, etc.). Neste caso, era de se esperar que a LA assumisse trabalhar em sintonia com outras disciplinas e que a "adesão a novos paradigmas", no sentido de utilização de noções básicas e métodos, seria um traço definidor e essencial da LA.

Mas essa conclusão é imediatamente desautorizada. Kleiman faz uma recomendação contrária à utilização de novos paradigmas. Lê-se:

"Temos aí um conjunto de novas expressões (...) cujo uso pode implicar adesão impensada a um novo paradigma, e por isso pode vir a perturbar o olhar do pesquisador num campo de investigação

que já se ressentiu enormemente pela falta de teorização dentro da área."

(Kleiman, 1991:5)

A atitude negativa e altamente reservada em relação às novidades apresentadas pelas diferentes áreas expõe uma face problemática da LA: ao mesmo tempo que os lingüistas aplicados assumem atuar em sintonia com várias áreas, pressupõem ser possível definir/recortar um objeto de estudo sem se comprometer com o modelo teórico que permitiu o recorte. Uma consequência imediata dessa pressuposta isenção é o risco de realizar simplificações de noções teóricas e, conseqüentemente, análises superficiais e distorcidas. Conforme assinala Vives (1988), tal procedimento tem de fato afetado negativamente a qualidade dos trabalhos em LA.

Um dado curioso é que Serrani (1988), ao invés de ver na crítica feita por Vives um alerta contra um posicionamento reservado e seletivo em relação aos novos paradigmas, vê nessa crítica um alerta contra a própria "transposição automática, que tem havido, de conceitos e procedimentos da lingüística teórica".

A meu ver, o raciocínio deveria ser inverso. A transposição automática de conceitos, ao invés de contribuir para simplificações indesejáveis, iria evitá-las. A ênfase no caráter multidisciplinar não poderia ser acompanhada de restrições à transposição automática de conceitos e noções básicas. Contribuições podem e devem ocorrer. A reflexão teórica deve, de fato, ser parte do processo. As alterações propostas devem, entretanto, ser explicitadas e justificadas.

Passemos agora à noção de aplicação, que seria a terceira fonte potencial de discrepância, responsável pela atipicidade da LA na relação pesquisa teórica/pesquisa aplicada. Retomemos a citação (2), onde se lê que "seria importante desfazer os equacionamentos da LA com a aplicação de teorias lingüísticas". Importa aqui responder à seguinte pergunta: por que a LA não se definiria como aplicação de teorias lingüísticas?

Inicialmente é preciso deixar claro o que se entende por "aplicação de teorias". Dois exemplos de aplicação direta de teorias são citados por Cavalcanti (1986: 5): a elaboração de material didático com base nos pressupostos e metodologia do estruturalismo, e a tradução de regras T [transformacionais] em regras de ensino.

Com base nessa exemplificação, pode-se afirmar que ao termo **aplicação** é atribuída a noção de atividade que tem como objetivo controlar determinados setores da realidade. Tem-se aqui uma pesquisa técnica e não aplicada.

Se, por outro lado, entende-se aplicação como "atividade que tem a ver com resolução de problemas de ordem prática que podem levar à elaboração e ao aperfeiçoamento de técnicas", é necessário perguntar: qual o problema de ordem prática que a utilização das regras transformacionais como regras de ensino visou solucionar? Em que medida o problema foi resolvido ou minimizado? Que tipo de contribuição essa atividade forneceu para uma melhor compreensão do uso da língua? Como a noção de linguagem, concebida no âmbito da gramática gerativa, contribuiu para resolução de problemas de ensino de língua? Sem ter as respostas dadas a essas perguntas fica difícil

avaliar se os exemplo acima constituem, de fato, um episódio negro na história da LA, que revela "uma visão enviesada [que] distorcia a trajetória de pesquisa e o foco de ação da LA" (Cavalcanti, 1986:5).

Em síntese, a noção de aplicação assumida está longe daquela apresentada por Bunge (1980-1985): atividade de enriquecimento e exploração de um corpo de conhecimento produzido na pesquisa básica, tendo um objeto mais restrito, um objetivo prático, de modo a ter como resultado descobrir que X pode servir para produzir/impedir Y, conforme vimos na seção 1.

É interessante observar que a adoção de uma concepção mais adequada do termo **aplicação** contribuirá para evitar a atipicidade da LA acima apontada. Em outras palavras, não haveria qualquer conflito entre **realizar aplicação de teorias lingüísticas** e realizar tarefas reconhecidamente rotineiras da pesquisa em LA, a saber: "detectar uma questão específica de uso de linguagem, passar para a busca de subsídios teóricos em áreas de investigação relevantes às questões em estudo, continuar com a análise da questão na prática, e completar o ciclo com sugestões de encaminhamento" (Cavalcanti, 1986:7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de explicitar as razões da atipicidade da LA em relação à pesquisa aplicada de outras áreas de conhecimento, foram analisadas três fontes, tendo sido detectados os seguintes problemas: a adoção de uma concepção restrita do que seja Lingüística teórica; uma noção equivocada do que seja objeto de estudo e aplicação; e ainda uma metodologia descuidada de se lidar com noções de outras disciplinas.

A superação desses problemas não implicará em perda da identidade da LA. Tal como reconhecem os lingüistas aplicados, a LA não se confunde com a lingüística teórica, uma vez que se propõe a resolver problemas específicos e é movida por motivações distintas dessa última.

Entretanto, do ponto de vista epistemológico, a LA não constitui uma área independente da lingüística. Ao lidar com questões relativas à linguagem humana, quer tenha por objetivo resolver problemas de ensino ou de interação médico-paciente, a LA assume uma concepção de linguagem e de aquisição da linguagem já definidas no âmbito da lingüística teórica.

Não é por acaso que o termo linguagem aparece na própria definição de LA como um termo previamente definido. Lê-se:

*"LA tem como objetivo a identificação, a análise de questões de uso de **linguagem** dentro e fora do contexto escolar e a sugestão de encaminhamento para estas questões."*

(Cavalcanti, 1986: 5).

A conexão intrínseca entre LA e a pesquisa teórica desenvolvida no âmbito da lingüística é também explicitada na própria denominação da **Lingüística Aplicada**. Somente através do reconhecimento dessa conexão e de suas implicações entende-se a manutenção do nome LA à disciplina da qual tratamos aqui.

BIBLIOGRAFIA

- BUNGE, M. (1980) **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte/São Paulo, Ed. Itatiaia/Ed. da Universidade de São Paulo (trad. Cláudia Régis Junqueira).
- _____. (1985) **Seudociencia e ideología**. Madrid, Editorial Alianza.
- _____. (1987) **Epistemologia**, São Paulo, T.A. Queiroz, 2ª ed.
- CAVALCANTI, M. (1986) "A Propósito de Lingüística Aplicada". **Trabalhos em Lingüística Aplicada** 7:5-12.
- KLEIMAN, A.B. (1991) "Introdução e um início: A pesquisa sobre Interação e Aprendizagem". **Trabalhos em Lingüística Aplicada** 18:5-14.
- MOULTON, W. (1974) "Natureza e História da Lingüística". In A.A. Hill **Aspectos da Lingüística Moderna**. São Paulo, Ed. USP.
- SERRANI, S.M. (1990) "Transdisciplinaridade e Discurso em Lingüística Aplicada". **Trabalhos em Lingüística Aplicada** 16:39-45.
- VIVES, R. (1988) "Quand la didactique fait ses emplettes chez les linguistes", **Études de Linguistique Appliquée** 72, Paris, Didier Érudition.